



ARTIGO ORIGINAL

Duração do período de aleitamento materno de crianças atendidas em ambulatório de pediatria

Duration of breastfeeding of children visiting a pediatric outpatient unit

Eloisa F. A. Moura*

Resumo

Objetivo: Verificar a época do desmame parcial e total, bem como causas alegadas para o desmame precoce, de lactentes atendidos em ambulatório.

Métodos: Foram entrevistadas 259 mães de crianças de 12 a 24 meses de idade, no Ambulatório de Pediatria da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Resultados: Constatou-se que apenas 3,9 % das crianças receberam leite de vaca (fórmula láctea) ainda no período neonatal. Entretanto, para 62,9 % dos bebês foi ofertado chá e/ou água no primeiro mês de vida. As justificativas mais frequentes para a administração de chás foram: "cólicas, gases e sede da criança". Somente 18,5 % dos lactentes foram desmamados completamente dentro dos 6 primeiros meses de vida, sendo que 62,6 % foram amamentados por 12 ou mais meses. Houve melhora significativa do tempo de amamentação em relação a trabalho anterior, realizado 10 anos antes, no mesmo ambulatório. As mães explicaram o desmame total no primeiro semestre de vida de seus filhos, dizendo com mais frequência: "a criança não quis mais" e "o seio secou".

Conclusão: A despeito dos resultados animadores no que diz respeito à duração da amamentação, os esforços devem persistir em favor do aleitamento ao seio, para evitar introdução precoce de chás e/ou água.

J. pediatr. (Rio J.). 1997; 73(2):106-110: aleitamento materno, leite humano, desmame.

Abstract

Objective: To observe the time of total and partial weaning as well as the alleged causes for precocious weaning of infants seen at the outpatient unit.

Methods: 259 mothers of children aged 12-24 months were interviewed at the Pediatric Outpatient Unity of Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Results: It was verified that only 3.9 % of the children received cow milk (artificial formula) during the neonatal period. Nevertheless, 62.9 % of the babies received tea and/or water at the first month of life. The most frequent reasons to give them tea or water were colics, flatulation and babies' thirst. Only 18.5 % of the infants were completely weaned in the first six months of life; 62.6 % of them were breastfed during 12 or more months. There was a significant improvement in the duration of breastfeeding as compared with a previous study conducted 10 years earlier in the same unity. The most frequent justifications mothers gave for total weaning in the first semester were "the child refused the breast" and "the breast dried out".

Conclusion: Despite the favorable results concerning the duration of breastfeeding, efforts to encourage it must continue above all to avoid early use of tea and/or water.

J. pediatr. (Rio J.). 1997; 73(2):106-110: breastfeeding, human milk, weaning.

Introdução

Séculos antes de Cristo, a prática do aleitamento materno já era uma preocupação da humanidade. Formas alternativas de alimentação do lactente, que não o seio materno, apareceram inicialmente com as amas-de-leite e, posteriormente, com as mamadeiras e as fórmulas lácteas¹.

Neste século, nos países industrializados, houve um declínio progressivo da amamentação. Os países em desenvolvimento, inclusive o Brasil, acompanharam essa tendência.

A partir de 1981, com a implantação da Campanha Nacional de Incentivo ao Aleitamento ao Seio, tem havido uma progressiva melhora dessa situação em nosso país. Estudo realizado pelo Centro Brasileiro de Pesquisa evidenciou na Grande São Paulo aumento da prevalência do

* Professora Adjunta Doutora do Departamento de Assistência Materno-Infantil II da Universidade Federal do Pará.

aleitamento, seja exclusivo, seja misto, aos 3 e aos 6 meses, comparando o ano de 1987 com o de 1981².

Em Belém, como em outras capitais brasileiras, percebe-se um maior interesse das mães em amamentar seus filhos. Entretanto, é necessário verificar periodicamente se esse interesse persiste e identificar aspectos que atrapalham o êxito da amamentação.

O objetivo deste trabalho foi observar, em ambulatório de pediatria, a duração da amamentação em relação a crianças de zero a 12 meses de vida e causas alegadas pelas mães para o desmame precoce, cotejando alguns resultados com os obtidos em estudo anterior, realizado 10 anos antes, no mesmo ambulatório.

Casuística e Métodos

O estudo foi realizado no Ambulatório Geral de Pediatria da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA), onde atua o Departamento de Assistência Materno-Infantil II da UFPA, no período de 18/11/93 a 06/11/95.

Foram entrevistadas pela autora 259 mães de crianças de 12 a 24 meses de idade, que correspondem à totalidade das mães que compareceram ao ambulatório, com filhos nessa faixa etária, no período de estudo, excetuando-se os dias de férias anuais e os de licença-saúde (50 dias em 1994 e 45 dias em 1995) da pesquisadora.

O Ambulatório Geral funciona pela manhã, com o atendimento de cerca de 12 crianças/dia, com as mais diferentes patologias e algumas saudáveis. As doenças mais freqüentes são as do trato digestivo (diarréias, parasitoses intestinais), respiratórias (resfriado comum) e as dermatológicas (escabiose, impetigo).

Preencheram-se fichas relativas às entrevistas. O questionário utilizado continha perguntas sobre:

- idade, estado civil, endereço, escolaridade, atividade das mães;
- renda familiar, condições de habitação;
- realização de atendimento pré-natal e orientação sobre a amamentação;
- idade e sexo da criança;
- tipo de aleitamento do bebê nos primeiros dias de vida;
- época do desmame parcial; alimentos adotados; razões para introdução de chás e água no período neonatal;
- época do desmame total; causas do desmame total precoce;
- dificuldades encontradas e apoio para amamentar no primeiro mês pós-parto;
- motivos para outras mães não desejarem amamentar seus filhos.

Definiu-se aleitamento exclusivo ao seio quando nada era oferecido à criança exceto o leite materno.

O estudo anterior (1983-85)³ foi realizado no mesmo ambulatório, pela mesma autora, através de entrevistas com 381 mães de crianças de 12 a 18 meses, com perguntas semelhantes às empregadas no trabalho atual.

O teste de associação para comparação dos resultados deste trabalho com os de estudo anterior foi o χ^2 (qui-quadrado), estabelecendo-se um nível de significância de 0,05.

Resultados

Foi possível registrar que as mães pertenciam a nível socioeconômico baixo - renda familiar de menos de 1 até 3 salários mínimos. Eram provenientes dos mais diferentes bairros de Belém e de alguns municípios do interior do estado do Pará.

A idade materna mínima foi de 15 anos e a máxima de 42; 67,6 % encontravam-se na faixa de 20 a 30 anos. A maioria (74,1 %) vivia maritalmente; 23,9 % eram solteiras; as demais, viúvas ou separadas.

O nível de instrução variou: desde mães analfabetas (1,2 %) até as com 2º grau completo (10,4 %); 67,6 % não haviam conseguido completar o 1º grau. Menos de 30 % possuíam alguma atividade remunerada, sendo a mais freqüente a de empregada doméstica.

No que diz respeito à assistência pré-natal, 91,1 % haviam tido pelo menos uma consulta e 74,6% haviam recebido orientação sobre o aleitamento ao seio.

Todas as mães amamentaram seus filhos nos primeiros dias de vida.

A Tabela 1 mostra que 163 crianças foram desmamadas parcialmente no período neonatal. No entanto, apenas 10 receberam outro leite que não o materno, neste período. Para as demais, além do leite materno, era oferecido chá e/ou água.

Tabela 1 - Época de desmame parcial de lactentes atendidos no Ambulatório Geral de Pediatria, FSCMPA, 1993-95

Época do desmame meses	Lactentes	
	nº	%
< 1	163	62,9
1 — 3	17	6,6
3 — 6	30	11,6
6 — 12	49	18,9
Total	259	100,0

Nas Tabelas 2 e 3 encontram-se as razões apresentadas pelas mães para o emprego de chás e água.

Tabela 2 - Resposta à pergunta - "Por que a senhora oferecia chá?", feita às 152 mães que optaram por essa prática dentro do primeiro mês de vida de seus filhos, Ambulatório Geral de Pediatria, FSCMPA, 1993-95

Respostas	nº	%
Para cólicas, para gases	81	53,3
Dizem que é bom	19	12,5
Só o peito não sustentava, chorava com fome	14	9,2
Para limpar o intestino	9	5,9
A doutora disse para eu dar	8	5,3
Para dormir melhor, para acalmar	6	4,0
Para urinar	4	2,6
Gosto de dar	4	2,6
Porque sentia sede	3	2,0
Outras menos freqüentes	4	2,6
Total	152	100,0

Tabela 3 - Resposta à pergunta - "Por que a senhora oferecia água?" feita às 103 mães que se decidiram por essa prática no primeiro mês de vida de seus filhos, Ambulatório Geral de Pediatria, FSCMPA, 1993-95

Respostas	nº	%
A criança tem sede	47	45,7
Acho necessário	10	9,7
Para evitar a desidratação	8	7,8
Não sei por que	8	7,8
Mandaram eu dar, mania de avó	7	6,8
Às vezes faz muito calor	4	3,9
A doutora mandou dar	3	2,9
A enfermeira disse para eu dar	3	2,9
Só o chá não matava a sede	2	1,9
Porque é bom	2	1,9
Quando chorava	2	1,9
Outras menos freqüentes	7	6,8
Total	103	100,0

A Tabela 4 contém os dados sobre o desmame total. Vale notar que 127 (49,0 %) das crianças estudadas estavam sendo aleitadas ao seio por ocasião das entrevistas.

No estudo realizado em 1983-85³, dos 357 lactentes aleitados ao seio, 41,5 % foram desmamados completamente no primeiro semestre de vida e 40,6 % aleitados por 12 ou mais meses. Na Figura 1, apresenta-se comparação desses resultados com os do trabalho atual.

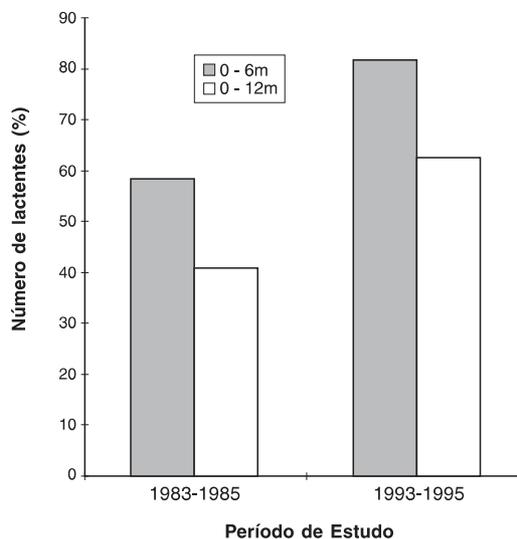


Figura 1 - Número de lactentes em %, amamentados por 6 ou 12 meses de vida, segundo o período de estudo, FSCMPA

Para o desmame total nos primeiros 6 meses, $\chi^2_{calc} = 34,47$, maior do que o $\chi^2_{tab} = 3,84$ e aos 12 meses de vida, $\chi^2_{calc} = 28,23$, maior do que o $\chi^2_{tab} = 3,84$.

Os motivos referidos pelas 48 mães que desmamaram totalmente seus filhos no primeiro semestre de vida estão agrupados na Figura 2.

Entre as mães entrevistadas, 57 (22,0 %) tiveram alguma dificuldade para amamentar seus filhos recém-natos. As mais freqüentes foram: "não tenho bico", "dificuldade

Tabela 4 - Época de desmame completo de lactentes atendidos em Ambulatório Geral de Pediatria, FSCMPA, 1993-95.

Época do desmame meses	Lactentes	
	nº	%
< 1	4	1,5
1 - 3	12	4,6
3 - 6	32	12,4
6 - 12	49	18,9
12 e mais	162	62,6
Total	259	100,0

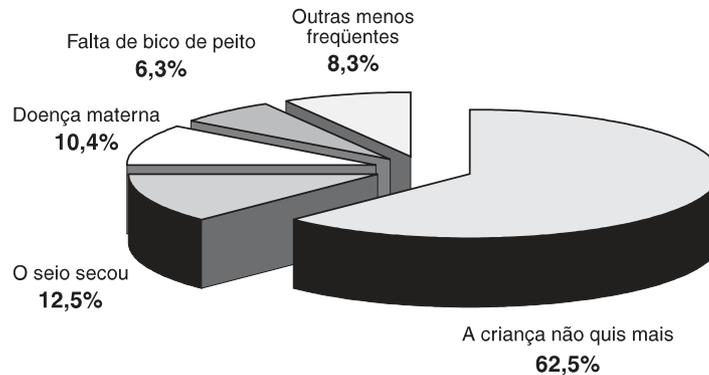


Figura 2 - Razões para o desmame total nos primeiros 6 meses de vida, FSCMPA

da criança pegar o seio” e “ferida no bico do peito”. Elas referiam ter obtido ajuda: 52,9 % das próprias mães ou parentes; 27,4 % de enfermeiras ou médicos; as demais, de vizinhas ou amigas.

Na Tabela 5 está registrado o que pensam as mães sobre o porquê de outras mulheres não amamentarem seus filhos.

Tabela 5 - Resposta à pergunta - “Por que há mães que não amamentam seus filhos?”, Ambulatório Geral de Pediatria, FSCMPA, 1993-95

Respostas	n°	%
Por vaidade, não querem deixar o peito cair	130	44,6
Não sei	73	25,0
Porque querem ir para festas	17	5,8
Preguiça, não querem ter trabalho	16	5,5
Porque precisam trabalhar	15	5,1
Não querem perder tempo com os filhos	14	4,8
Porque não querem mesmo	6	2,0
Acham feio, têm vergonha	6	2,0
São desinformadas, não sabem a importância do leite humano	4	1,4
Eu acho uma tolice	2	0,7
Muitas têm pouco leite	2	0,7
Outras menos freqüentes	7	2,4
Total	292	100,0

* Houve mães que deram mais de uma resposta.

Discussão

Dez mães (3,9 %) introduziram leite de vaca na alimentação de seus filhos, ainda no período neonatal. A pesquisa citada anteriormente, com 381 mulheres, no mesmo ambulatório, consignou que 6,3 % não ofereceram o leite materno para seus filhos e 38,6 % adotaram o aleitamento misto desde o 1º mês de vida de seus bebês³. Diferença sem dúvida marcante.

Infelizmente, foi observado, no estudo atual, que 62,9% das mães ministraram chás e/ou água para seus recém-natos.

Gomes et al.⁴ verificaram, entrevistando 300 puérperas na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, no período de outubro de 1990 a fevereiro de 1991, que a maioria não havia ofertado chá e/ou água para seus neonatos. Entretanto, apenas 19,8 % das mães tinham noção de que não há necessidade de administrar outro alimento, que não o leite materno, para o recém-nascido. As demais não haviam oferecido chá e/ou água para seus filhos, por não terem trazido mamadeira de casa e o hospital não haver fornecido.

Souza et al.⁵ referem que o uso de líquidos nos intervalos das mamadas parece ser um hábito cultural entre as mães.

Em Pelotas (RS), César et al.⁶ observaram que cerca de metade dos médicos questionados recomenda o uso de chás para lactentes, sobretudo para tratamento de cólicas intestinais, suplementação à dieta e reidratação oral.

As justificativas mais freqüentes dadas pelas mães para o emprego de chás foram: “para cólicas, para gases”, “dizem que é bom”, “só o peito não sustentava”. O uso de chás para o bebê é algo arraigado entre as mães e as avós e, às vezes, mesmo entre médicos.

Das 103 mães que ofertaram água para seus recém-nascidos, 45,6 % o fizeram por achar que a criança sentia sede. As mães têm dificuldade em acreditar que o leite materno é suficiente para satisfazer as necessidades hídricas do bebê, sobretudo em clima muito quente, como é o de Belém. Isso deve ser levado em conta, quando se instrui as mães sobre amamentação.

É sabido que quanto mais precoce ocorrer a introdução de chás e/ou água na dieta infantil, mais freqüentes serão os episódios diarreicos, a despeito do aleitamento natural.

Uma proporção satisfatória de crianças foi amamentada até os 6 meses e por 12 ou mais meses: 81,5% e 62,6%, respectivamente. A diferença foi significativa na duração do aleitamento ao seio comparando-se o período de 1983-85³ com o de 1993-95. Acredita-se que este fato se deva ao trabalho, nos últimos 4 anos, de uma enfermeira no ambulatório, especialmente designada para ensinar, tirar dúvidas das mães no que diz respeito ao aleitamento natural; à orientação recebida pelas mulheres sobre a amamentação, nas consultas pré-natais e no puerpério; à propaganda veiculada na mídia, a favor do aleitamento ao seio.

Vale notar que, nos dias atuais, um grande número de mulheres valoriza o aleitamento ao seio, fato que não ocorria com frequência há cerca de 15 ou 20 anos atrás. Em consequência, percebe-se uma diminuição marcante do número de casos de desnutrição grave em menores de dois anos, na clínica do dia-a-dia.

Os resultados encontrados por Costa et al.⁷, também em Belém, foram bastante diferentes dos deste estudo - 42,0 % dos bebês não mamavam mais aos 3 meses de idade, possivelmente porque muitas das mães entrevistadas pertenciam a nível socioeconômico mais elevado (contatadas em clínicas particulares).

Favareto & Thomson⁸ consignaram 63,6 % de crianças aleitadas ao seio até o 6º mês, em Ambulatório de Puericultura do norte do Paraná. Figueiredo & Goulart⁹ registraram em Centro de Saúde da periferia de Belo Horizonte 52,4 % de crianças sendo amamentadas por 6 ou mais meses em 1992 e Giugliani et al.¹⁰ observaram que 50,0 % dos pacientes que procuravam atendimento no Hospital das Clínicas de Porto Alegre já haviam sido desmamados ao completar o 4º mês.

Os motivos mais frequentes alegados pelas 48 mães deste estudo que desmamaram completamente seus filhos no primeiro semestre de vida foram - "não quis mais" e "o seio secou" - iguais aos anotados na pesquisa de 1983 - 85³. Diferentes autores fizeram observações semelhantes^{5,7,9,11}. Muitas dessas mães ofertaram precocemente alimento em mamadeira para seus bebês.

Entre as mães que tiveram dificuldade para amamentar no período neonatal, 52,9 % referiram ter obtido ajuda das próprias mães ou parentes. Seria de interesse que as mães tivessem acesso fácil a serviços de saúde aptos a auxiliá-las no período de amamentação, bem como fossem cada vez mais divulgadas, para a população em geral, conhecimentos sobre a técnica do aleitamento natural.

Indagado às mães o motivo de haver outras que não desejam aleitar ao seio, as respostas mais frequentes foram: "por não querer deixar o peito cair", "não sei" e "porque querem ir para festas". Tratando-se de outras mulheres, elas se manifestam mais livremente sobre dificuldades do amamentar, como a preocupação com a estética das mamas e a necessidade de permanecer mais tempo no domicílio com o bebê.

Arantes¹², em entrevistas com 12 mães, observou que a mulher, ao rever a sua experiência de amamentação, vê e sente esse momento permeado pela ambigüidade: é bom e é ruim. Refere a autora que não se pode ignorar o lado negativo do aleitamento materno e nem colocá-lo como fator impeditivo. Será de auxílio uma abordagem empática, para que se possa abrir discussão e reflexão sobre a forma como a amamentação está se apresentando à mulher.

Os resultados do presente estudo permitem concluir que houve uma melhora significativa da duração da amamentação das crianças atendidas no ambulatório, mas os esforços devem persistir, sobretudo para obtenção de maior número de mães aleitando ao seio exclusivamente até o 4º ou 6º mês de vida.

Referências bibliográficas

1. Villa TCS, Pelá NT. Aleitamento materno e suplementação alimentar. *Bol Of Sanit Panam* 1989; 106: 108-16.
2. Rego JD. Comitê de aleitamento materno. *Boletim Informativo SBP* 1989; XVIII: 4.
3. Moura EFA. Aleitamento ao seio. Frequência de crianças amamentadas dentro do primeiro ano de vida. *J. pediatr. (Rio J.)* 1986; 61: 27-9.
4. Gomes ACS, Cardoso MC, Moura EFA, Marçal NK. Aleitamento ao seio. Avaliação dos conhecimentos de puérperas. *J. pediatr. (Rio J.)* 1992; 68: 123-6.
5. Souza LSF, Souza ELS, Barreto MRR et al. Determinantes do êxito do aleitamento natural. *J. pediatr. (Rio J.)* 1991; 67: 42-50.
6. Cesar JA, Kuhn D, Devens ES et al. Prescrição de chás para crianças menores de seis meses: a opinião dos médicos de uma cidade de porte médio no sul do Brasil. *J. pediatr. (Rio J.)* 1996; 72: 27-31.
7. Costa MCO, Figueiredo EM, Silva JB. Aleitamento materno: causas de desmame e justificativa para amamentar. *J. pediatr. (Rio J.)* 1993; 69: 176-8.
8. Favareto J, Thomson Z. Avaliação do programa de estímulo ao aleitamento do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná - Londrina. *J. pediatr. (Rio J.)* 1991; 67: 388-92.
9. Figueiredo LMH, Goulart EMA. Análise da eficácia do programa de incentivo ao aleitamento materno em um bairro periférico de Belo Horizonte (Brasil); 1980/1986/1992. *J. pediatr. (Rio J.)* 1995; 71: 203-8.
10. Giugliani ERJ, Rocha, VLL, Neves JMN, Polanczyk CA, Seffrin CF, Susin LO. Conhecimentos maternos em amamentação e fatores associados. *J. pediatr. (Rio J.)* 1995; 71: 77-81.
11. Siqueira R, Durso N, Almada AGP, Moreira MT, Massad GB. Reflexões sobre as causas do desmame precoce observadas em dinâmica de grupo de incentivo ao aleitamento materno. *J. pediatr. (Rio J.)* 1994; 70: 16-20.
12. Arantes CIS. Amamentação - visão das mulheres que amamentam. *J. pediatr. (Rio J.)* 1995; 71: 195-202.

Endereço para correspondência:

Dra. Eloisa F. A. Moura
Av. Governador José Malcher, 1.869
CEP 66060-230 - Belém - Pará
Fones: (091) 246.8792 / 246.8663